

A palavra “barroco” originou-se do vocábulo espanhol *barrueco* para designar um tipo de pérola irregular e de formação defeituosa. Toda a produção artística europeia do final do século XVI até quase a metade do século XVIII foi considerada inicialmente como de padrão inferior às grandes obras que caracterizam o Renascimento por não respeitarem as leis reguladoras que haviam sido seguidas naquele período da cultura humana.

Enquanto os artistas renascentistas visavam à linha e ao desenho, os barrocos procuravam o pictórico, as cores; os primeiros preferiam tratar os planos e as superfícies, enquanto os outros se envolviam com a profundidade e os volumes. Um procura a harmonia, o outro busca a emoção.

A arte barroca teve origem e se difundiu historicamente e estilisticamente na Itália. Irradiou-se sem demora sobre os demais países europeus e sobre suas colônias na América Latina, desde o México até a Argentina, onde assumiu peculiaridades resultantes das diversas condições geográficas, históricas e sociais do novo meio para o qual fora transplantada por espanhóis e portugueses.

Ao barroco, como estilo artístico, vinculam-se diretamente acontecimentos históricos, religiosos, econômicos e sociais de grande significação para a história da humanidade e que devem ser pelo menos citados aqui. Entre eles, destaca-se o início dos governos absolutistas europeus com especial ênfase para a França, Áustria e a Alemanha, quando os reis eram considerados como senhores absolutos, com amplos poderes adquiridos por direito divino e que, portanto, passaram a exigir das artes sua glorificação pessoal, realizada tanto pela pintura e escultura quanto pela arquitetura dos majestosos palácios que erigiam. Por outro lado, após a revolta de Lutero, que resultou na Reforma Protestante, a Igreja Católica foi obrigada a rever suas atitudes quanto aos principais dogmas e ao seu próprio fundamento, diminuindo os abusos do poder dos papas e dos religiosos em geral, como foi determinado pelo Concílio de Trento.

Isso motivou um amplo movimento de revitalização dos sentimentos religiosos incluindo a fundação de várias ordens religiosas, entre elas a Companhia de Jesus, para maior dinamização da fé católica. Este movimento chamado de Contrarreforma trouxe novos condicionamentos para as artes e se ligou intimamente ao surgimento do barroco através da construção de igrejas e mosteiros com novas características arquitetônicas e plásticas.

A esses dois marcos, o Absolutismo e a Contrarreforma, podem ser ainda somados outros eventos importantes como a Revolução Comercial, resultante do ciclo das grandes navegações, que modificou os sistemas econômicos até então vigentes e favoreceu as descobertas de novas terras.

A própria cultura barroca seria instrumento ideológico de uma classe poderosa, a burguesia, que via naquela um agente de seu interesse, principalmente na Holanda, Bélgica e França. Assim, a opinião pública, condicionada, foi manipulada por inúmeros artifícios, notadamente nas artes plásticas, no teatro e nos festivais religiosos.



Bernini — Êxtase de Santa Tereza, Roma.

Arquitetura

O Barroco adota plantas dinâmicas, complexas e irregulares, com nítido gosto pelas figuras ovais, principalmente ao formar intrincadas combinações. Há uma liberdade na composição através de paredes côncavas e convexas.

Essas plantas irregulares evidentemente apresentam fachadas ou alçados também dinâmicos e, assim, as paredes barrocas são movimentadas e, com frequência, em curvas diferentes, combinadas com extremo cuidado.

Com relação aos detalhes e elementos arquitetônicos característicos do barroco, deve ser ressaltado o gosto pelo uso da voluta, elemento curvo que viria, praticamente, marcar as construções, principalmente religiosas ou de maior porte. No geral, a voluta é usada para estabelecer a transição entre dois níveis diferentes nas fachadas e, com suas curvas, manter o dinamismo que caracteriza o estilo. No caso do rococó, estilo que completa o barroco, com suas exageradas decorações internas, a voluta é substituída pela concha (do francês, *Rocaille*) que, aliás, deu nome ao movimento.

Outro elemento de grande uso era a coluna torsa ou salônica, usada inicialmente no baldaquino da Basílica de São Pedro, em Roma, por Bernini. Também nesse caso o uso das linhas inclinadas das colunas torsas acentua a impressão de movimento.

As cúpulas adquirem importância, pois são mais valorizadas por elementos decorativos e pintura. As fachadas barrocas são compostas de forma a fazer sobressair a área do centro, o que é conseguido tornando sua parte central mais alta ou nela agrupando maior número de elementos arquitetônicos, inclusive pela valorização das portadas com pórticos ou outros detalhes que as possam enriquecer, tanto para construções religiosas como para as civis. No caso das primeiras, deve ser igualmente notada a predileção por torres duplas, que não se justificam funcionalmente, mas são

muito usadas, assim como é costumeiro adotar molduras sobre e sob as janelas, tanto nas construções religiosas como nas civis.

Os grandes temas da arquitetura barroca são exatamente três: a cidade, a igreja e o palácio. É óbvio que por igreja se entende não somente grandes basílicas quanto pequenos centros paroquiais, além de mosteiros e santuários de peregrinação, assim como na designação geral de "palácio" se incluem também residências menores, tanto urbanas como rurais.

Com relação à cidade ou ao planejamento urbano é com o barroco que efetivamente se torna realidade e, principalmente, Roma, que é o centro irradiador do estilo sob todas as suas formas fundamentais. Sendo um centro de religiosidade, sua concepção dinâmica foi altamente desenvolvida. Esse capítulo culminaria na imponente colonata da Praça de São Pedro, projetada entre 1656 e 1657 por Gian Lorenzo Bernini.

Entretanto, a mais consagrada das praças romanas é a Piazza San Pietro, no Vaticano, que se caracteriza como o ponto culminante do simbolismo da fé católica. Na concepção visual de Bernini para a colonata, a elíptica faz uma espécie de "correção visual" da fachada da basílica, que apresentava uma exagerada largura e que passa a ser compensada pela disposição da colonata.

Um exemplo especialmente notável de praça barroca em Roma é a Praça Navona onde a indiscutível genialidade de Borromini e Bernini produz um espaço amplamente integrado apesar da forte presença da igreja de Sant'Agnese. Porém, Borromini, ao dar uma equilibrada concavidade à sua fachada, cria um contraponto espacial para a *Fonte dos Quatro Rios* de Bernini que, com um obelisco no centro, rodeado por figuras dinamicamente lançadas, junta ao sólido conjunto de pedra e mármore a leveza das águas que caem em movimento constante.

Na França há duas linhas de planejamento de exteriores: a primeira dando sequência às ideias italianas e criando praças monumentais, então chamadas de "places royales". A segunda já

muito mais francesa, é a do paisagismo, ou seja, o lançamento de amplos jardins com amplos canteiros, com disposição geométrica, mas sempre organizados de forma a acentuar as perspectivas.

A primeira praça construída em Paris por Jules Mansart no reinado de Luís XIV, entre 1685 e 1687, a Place des Victoires, marcou o início do uso das formas curvas para os espaços urbanos, embora ainda com dimensões reduzidas.

André le Nôtre é o responsável pelos amplos jardins de Versalhes. Procurou promover a total ligação da natureza com o imenso conjunto construído. Nesses jardins, chamados de "jardins da inteligência sem os sobressaltos do tropicalismo", há bosques, lagos, chafarizes que quebram a insistência das linhas horizontais renascentistas.

Um dos preceitos que a Contrarreforma considerava fundamental era a recomendação para que as igrejas abandonassem os formalismos de inspiração mais artística em favor de soluções mais sóbrias na decoração, e, mais ainda, que fossem construídas de modo a favorecer e até incentivar maior participação dos fiéis nas cerimônias religiosas, quando deveria também ser mantida uma separação mais clara das áreas de culto. Essas e outras exigências motivaram a substituição das plantas em cruz grega em favor das plantas em cruz latina que, com um dos braços alongados, estabeleciam claramente a área dos fiéis em sua nave principal, delimitando mais fortemente a abside, onde se situavam o altar-mor e o coro.

Assim, com o alongamento das naves, haveria mais espaço para as procissões e, ao mesmo tempo, para a criação de pequenas capelas ou altares laterais nas naves principais, visando à maior devoção. Outro aspecto interessante observado nas novas igrejas é a franca preferência pelas coberturas em abóbadas que facilitavam o direcionamento da luz para os focos desejados. A acentuada verticalidade da área central das igrejas barrocas é interpretada como um artifício para indicar o céu, cuja entrada seria simbolizada pelas portadas mais ornamentadas e valorizadas dos próprios templos.

A igreja de Jesus, em Roma, sede da Companhia de Jesus, é considerada a primeira construção de espírito barroco. Projetada por Giacomo da Vignola entre 1568 e 1576, sua planta não segue a forma da cruz latina, mas, ainda assim, apresenta uma nave única, mais alongada, flanqueada lateralmente por capelas. Antes da abside, abre-se ligeiramente para abrigar os coros, onde fica sua ampla cúpula. A solução longilínea do corpo principal já é uma franca inovação com respeito às plantas anteriores, mais centralizadas, assim como a inclusão de capelas laterais sucessivas. A fachada foi desenhada em 1573 por Giacomo della Porta e já apresenta muitos dos elementos mais característicos do Barroco, como a acentuação da verticalidade, inclusive com o uso de ordens colossais, a valorização da área central, o arremate superior com frontão triangular e as volutas que valorizam a composição.

Essa igreja se tornou o protótipo das igrejas barrocas, e os jesuítas, em suas peregrinações pelo mundo todo, adotaram seus elementos básicos nas edificações religiosas, inclusive no Brasil.

Exemplo de barroco civil é o Palácio de Versalhes, em Paris, construído por Luís XIV para demonstrar todo o seu poderio. Os trabalhos iniciam-se em 1660, cabendo a direção deles a Louis le Vau. Mais tarde é ampliado por Jules Mansart, que construiu o grande Trianon.

Nos seus imensos corredores, são colocados espelhos ou amplas aberturas para o exterior, e, de outro lado do edifício, os apartamentos que são subdivididos em pequenos cômodos objetivando dar o máximo de conforto aos seus usuários. Na famosa Galeria dos Espelhos, as perspectivas são refletidas infinitamente, e, quando as grandes janelas francesas são abertas, dão a visão, quase infinita também, dos jardins que se projetam até onde alcança o olhar. Essas galerias, além de serem naturais circulações, serviam também para a colocação de peças de arte, daí, hoje ser usada a expressão "galeria de arte".

Um outro aspecto a ser destacado é que o uso das grandes janelas faz com que as paredes praticamente se anulem, reduzindo-se aos apoios necessários e favorecendo uma quase completa integração do exterior (natureza) com o interior (construção).

Pintura

A pintura barroca teve seu desenvolvimento favorecido pela arquitetura, tanto através da utilização de elementos construtivos como pela disposição das peças na planta. Assim, o uso das cúpulas nas igrejas criou as grandes abóbadas internas, o que, juntamente com a preferência pelas naves alongadas, criava amplas áreas para utilização pictórica. O mesmo se dava nos palácios, onde os grandes salões e as longas galerias igualmente ofereciam vastas superfícies para serem pintadas. E, como no Barroco a arquitetura predominava sobre as demais manifestações artísticas, logicamente também influía diretamente sobre as características principais da pintura do período. Ocorre, por outro lado, que, na época, muitos arquitetos eram também pintores, fato que ampliava ainda mais seu campo na composição geral das edificações.

Assim, a primeira característica da pintura barroca é a utilização de recursos ilusionistas, ou seja, de um tipo de representação que, através do uso da perspectiva arquitetônica, tem tetos e paredes que ampliam o espaço, dando a impressão de muito maior amplitude. Esse recurso, que os franceses chamam de *trompe l'oeil*, já fora utilizado anteriormente, mas no barroco é levado às últimas consequências e corresponde, efetivamente, ao caráter cenográfico e de infinito que as composições barrocas sempre procuram enfatizar. Um dos exemplos mais clássicos desse tipo de tratamento pictórico é a pintura feita por Andrea del Pozzo na igreja de Santo Inácio, em Roma.

Outra grande característica da pintura barroca é o forte contraste de luz e sombra que atinge o máximo de expressão e dramaticidade nesta época. O primeiro mestre desta técnica foi o italiano Michelangelo Merisi Caravaggio. Efetivamente, em suas obras, a luz funciona como um componente essencial que dá um dinamismo notável às composições, que passam a oferecer grandes contrastes de zonas claras e escuras. Outra característica importante da pintura barroca é a composição em diagonal, como bem

demonstra seu quadro *Crucifixão de São Pedro* em que as diagonais se chocam, simbolizando o conflito da brutalidade com a pureza. A pesquisa dinâmica e especial ganha aqui rigor e clareza. A obra está na igreja de Santa Maria del Popolo, em Roma.

Caravaggio ainda é responsável por uma outra atitude revolucionária. Ao contrário dos tempos clássicos, quando os modelos são sempre elegantes figuras da aristocracia, o pintor prefere representar os homens rudes do povo em suas telas, mesmo quando vestidos como santos ou apóstolos. O seu quadro *Deposição de Cristo*, no museu do Vaticano, destaca-se pelos elementos popularescos, assim como o notável realismo nas pernas dos santos atendentes, com veias saltadas pelo esforço. Esse pintor abandona a tradição de representar as figuras sagradas como heróis. Pelo contrário, foi o criador do “anti-herói” na arte religiosa. Influenciou a arte dos espanhóis Ribera e Velázquez.

Os princípios de Caravaggio não seriam desenvolvidos na Itália, mas principalmente em Flandres, na Holanda e na Espanha, onde a pintura barroca iria ter um florescimento inigualável, embora muitos estudiosos e críticos tenham usado esse adjetivo único para classificar os grandes mestres do século XVII, sem dúvida responsáveis por muitos dos maiores momentos da história da arte e da cultura universal, mas que efetivamente muito têm a ver com os princípios barrocos de composição e tratamento de temas.

Entre esses, Petrus Paulus Rubens é o que mais facilmente se liga ao barroco. Belga de nascimento, passou muitos anos na Itália, onde devotou maior atenção à escola de Veneza, mais rica na decoração e colorido.

Rubens foi o pintor do corpo humano, que representava com abundância de carnações em tons róseos e vibrantes, sempre em gestos amplos e dinâmicos que se desenvolvem em curvas quase contínuas. No *Rapto das filhas de Leucipo*, as figuras se compõem de dois círculos concêntricos. Sua grande descoberta foi o princípio de construir suas composições em torno de uma linha espiral dinâmica,

atraindo para ela todas as formas. Sua obra abrange todos os gêneros como: composições históricas (*Rapto das Sabinas*), cenas bíblicas, paisagens e retratos.

Magnífica é a obra de Rembrandt, pintor holandês, intérprete excepcional da burguesia mercantil. Ao usar a técnica do jogo de luz e sombra, procura dar uma interpretação psicológica de seus modelos ou de si próprio nos seus notáveis autorretratos. Em uma de suas mais famosas telas, *Ronda da Noite*, esse jogo de luz e sombra é levado ao máximo de requinte, graças à sua composição barroca, ao uso da luz e das áreas de sombra, que conferem ao quadro uma dramaticidade e um dinamismo que vão muito além do que um retrato formal.

Na Espanha, país católico de ardente misticismo, os retratos da família real e os motivos religiosos iriam ser os grandes temas dos pintores. E justamente um desses, Diego Velázquez, se tornaria o autor dos mais notáveis, como prova o retrato da pequena Infanta Margarita Tereza, onde não só usa os contrastes de luz e sombra mas também apela à cor para estabelecer contrapontos que dão ao quadro uma qualidade própria. Com a sua obra máxima *As meninas*, o barroco atinge o apogeu.

Escultura

A primeira e mais importante das características da escultura barroca é a diversificação do uso dos elementos escultóricos, que chegam a ser confundidos com a própria arquitetura, além de se apresentarem também como peças isoladas. Outra marca importante é o movimento que atinge, nas peças barrocas, um dinamismo único, indicando uma relação da escultura, com o seu espaço. Essa movimentação causa também grandes efeitos teatrais, o que aumenta ainda mais o efeito barroco da composição. Finalmente, o excepcional nível das técnicas de execução, que abrangem não só os diversos tipos de materiais usados na estatuária em geral, como nos admiráveis efeitos produzidos pelo tratamento cuidadoso que os artistas dão às peças. Assim, na grande gama de materiais empregados, preferencialmente se destacam o bronze, o estuque, a madeira, a terracota e, já no Rococó, a porcelana.

A escultura barroca tem seu início na Itália, com Gian Lorenzo Bernini, autor do Trono de São Pedro, a grande cátedra dos pontífices e o gigantesco baldaquino, que é um memorial para Urbano VII. Nessas escalas imensas, ele combina mármore, bronze e gesso e faz audacioso uso das cores. Mas principalmente dá ideia de movimento e dinamismo, não só por meio de inclinações contrárias dos elementos como pela adoção da coluna torsa, que tem seu corpo com linhas inclinadas.

Sua obra principal é o *Êxtase de Santa Tereza*, na igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma. Bernini transporta para os ambientes religiosos toda violência das paixões humanas, indicando o êxtase espiritual por uma desordem física de grande sensualidade. O mármore não é mais um material frio, mas, iluminado por uma janela superior e trabalhado com intensidade, cria um ambiente teatral único e acentuado com figuras laterais, representadas como se estivessem em balcões de um teatro.

Muito importante é a escultura espanhola, famosa pelos seus artistas que trabalham especialmente com a madeira policromada.

A fervorosa fé católica espanhola praticamente só produz obras de cunho religioso, nas quais são enfatizadas as semelhanças com a realidade. Não há nus femininos, nem assuntos mitológicos. Também são muito usadas as chamadas "imagens de roca", que têm roupas verdadeiras e que são sempre muito adornadas com joias, tendo pedras preciosas nos olhos.

Os dois maiores escultores do período são, sem dúvida, Alonso Cano, autor de um *Santo Antonio*, em madeira, na catedral de Múrcia, e Martinez Montanez, escultor do *Cristo crucificado*, atualmente na catedral de Sevilha, célebre pelo seu realismo brutal e patético.

A escultura barroca espanhola não é uma arte de palácio, mas de rua. O sofrimento físico está presente nas imagens de Cristo e Maria, nas procissões das principais cidades da Andaluzia e de Castela.

Os modelos espanhóis ofereceram a inspiração para a estatuária religiosa latino-americana, respeitando-se naturalmente as peculiaridades de cada povo.

